

APRESENTAÇÃO

IMIGRAÇÃO, TRABALHO E LUTA NA AMAZÔNIA:

PRESENTATION

IMMIGRATION, WORK AND STRUGGLE IN THE AMAZON:

Francieli Aparecida Marinato
Luciana Coelho Gama
Rhaissa Marques Botelho Lobo
Viviane Gonçalves da Silva Costa¹

O dom de despertar no passado as centelhas de esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer.²

O momento atual é crucial para aprofundar o conhecimento sobre a Amazônia e refletir acerca do seu processo histórico através das muitas concepções teóricas à disposição. Como pensá-la de outro modo em História? Dos estudos culturais com enfoque nos inúmeros povos, etnias e identidades ali engendradas, aos estudos sociais e econômicos que compreendem a expansão das frentes pioneiras, os processos migratórios, as formas de exploração sob a égide e inserção do capitalismo predatório e rudimentar, é preciso abarcar outras possibilidades. O presente e o futuro requerem para a Amazônia estudos históricos do tempo presente, da história do clima, da história ambiental...

A partir do golpe de 1964 no Brasil, a expansão da fronteira Amazônica se processou dentro de uma lógica singular mediada pelo Estado por meio da Doutrina de Segurança Nacional, onde o Poder Público se colocou como mediador dos interesses da grande empresa privada e do capital

¹ Todas as autoras são editoras da Revista Discente Outras Fronteiras (Biênio 2020-2022) e doutorandas do Programa de Pós-Graduação em História/ UFMT.

² BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaio sobre literatura e história cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012, p.244. (Obras Escolhidas V.1.)

internacional, no intuito de promover um crescimento econômico rápido e a qualquer preço. De acordo com Berta Becker,³ para realizar seu projeto, o Estado impôs uma nova malha técnico-política que incorpora as tendências expansionistas e transformadoras já existentes nas sociedades próximas dos grandes centros políticos e econômicos na Amazônia, por meio das concepções ideológicas trazidas pelos milhares de migrantes que chegavam à região a partir dos projetos de colonização autoritários. Na fronteira, desenvolveu-se um jogo simbólico denso e dramático da nação com seus propósitos. É preciso compreender e conhecer objetivamente a fronteira para além das concepções ideológicas simplificadoras do processo autoritário de ocupação, que é incapaz de captar a magnitude e a complexidade em curso na sociedade brasileira. Mais que uma definição geográfica, a fronteira é uma categoria histórica. De acordo com José de Souza Martins, a história contemporânea da fronteira no Brasil é marcada pelas lutas étnicas e sociais. Neste sentido, a Fronteira é eminentemente o lugar da alteridade. É o local de descoberta do outro e do desencontro. Desencontro de povos que vivem em regimes de temporalidade diferentes.⁴

Com a floresta cada vez mais ameaçada pelo avanço do desmatamento nos últimos anos, olhares de todo o mundo têm se voltado ainda mais para a Amazônia e importantes vozes denunciam as ameaças à sua fauna, flora, rios e populações originárias. De forma urgente, é preciso compreender e considerar o real impacto das inúmeras formas de agressão ao solo e subsolo da floresta e aos leitos dos rios, que têm sido atingidos com a voracidade das queimadas desproporcionais, que em certo sentido, a floresta sempre suportou e foi capaz de recuperar. É preciso esclarecer e debater acerca dos volumes cada vez maiores de agrotóxicos lançados nas áreas de monocultura do agronegócio, o enorme avanço do garimpo ilegal, que vilipendia territórios indígenas, que contamina águas outrora piscosas e límpidas, que deforma irreversivelmente o solo.

Este dossiê surgiu com o objetivo primordial de reunir discussões sobre as populações amazônicas, centralizando-as nos debates e lançando a lugares de protagonismo os inúmeros e diversificados povos nativos, os escravos e quilombolas levados no processo de colonização, os caboclos, posseiros e os diversos tipos de trabalhadores que se entranharam floresta a dentro e constituíram formas de vida próprias ligadas às condições locais, do mais remoto passado até os dias atuais. Discussões sobre os processos envolvendo suas vivências, culturas e crenças, transmigrações

³ BECKER, Bertha K. *Significância contemporânea da fronteira: Uma interpretação geopolítica a partir da Amazônia brasileira*. In AUBERTIN, C (ed.). *Fronteiras1988*. Brasília: Universidade de Brasília (UNB)/ ORSTOM 1988. p. 60-89.

⁴ MARTINS, José de Souza. *O tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira*. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo*, 8(1): 25-70, maio de 1996, p. 27.

e movimentações, formas de colonização, avanços das frentes de expansão, resistências e lutas na longa duração da temporalidade histórica. No entanto, foi a Floresta que se mostrou central em todos os artigos submetidos e analisados para a composição deste dossiê. A Floresta atingida pelas transformações socioeconômicas operadas pelas ações humanas e os sujeitos que, junto com ela, sofreram e sofrem processos de violência, exploração, esgotamento, que padecem sob a imposição de transmutações, de contínuos trânsitos e migrações, desenvolvendo lutas pela sobrevivência, lutas de resistência e re-existência.

Desta feita, reunimos sete artigos no dossiê “Povos e Culturas da região amazônica”. O artigo “A trajetória de lutas indígenas em universidades na Amazônia: um olhar sobre as identidades de universitários indígenas em reportagens de jornais *on-line*”, de **Viviane Braz Nogueira** e **Fernando Zolin-Vesz**, analisa a trajetória de lutas de estudantes universitários indígenas da Amazônia brasileira, compreendendo como eles constroem suas identidades. A partir de pesquisa qualitativa e documental e tendo três reportagens de jornais *on-line* como fontes, o estudo conclui que os movimentos identitários indígenas estão cada vez mais fortalecidos em suas lutas pela autoafirmação étnica e combate ao preconceito.

Avelino Pedro da Silva, em “História, cultura e justiça: processos trabalhistas e experiências de trabalhadores em Itacotiara-AM (Amazônia Brasileira, 1977/1988)”, analisa processos trabalhistas deste município no período da ditadura-civil militar (1964-1985) e revela as experiências de sofrimento e exploração que foram registradas nestes documentos. O artigo contribui para demonstrar perspectivas de resistência dos trabalhadores incorporadas ao seu modo de vida na Amazônia e a contribuição de suas histórias para a constituição da Justiça do Trabalho no Brasil.

Marcos Lucas Abreu Braga apresenta “Migrantes nordestinos no movimento operário amazonense: as trajetórias de José de Calazans Bezerra, Nicolau Pimentel, Otelo Mavignier e Hemetério Cabrinha (1900-1930)”. Tendo a imprensa como fonte, o autor evidencia a participação de migrantes oriundos dos estados que atualmente compõem a região Nordeste do Brasil na classe e especialmente no movimento operário do estado do Amazonas, a partir das trajetórias de quatro lideranças operárias que atuaram na capital amazonense nas primeiras décadas do século XX.

Leidiane Gomes de Souza e **Vitale Joanoni Neto**, em “Amazônia Legal: uma perspectiva de análise para os pequenos municípios do Sudeste de Mato Grosso em meio ao processo de Modernização agrícola”, analisam as diferentes existências e lógicas presentes no contexto da colonização promovida pelo governo a partir de 1970 na região onde hoje se localiza o município de Rondonópolis. De um lado temos as cidades regidas pelo modo de produção e lucratividade, de outro

as cidades pequenas que fogem dessa lógica e recebem o estigma de atrasadas. Para além da materialidade, os autores propõem a análise do processo pelo viés da história das sensibilidades, compreendendo que o processo de colonização constrói espaços portadores de significados, memórias, identidades e novas sociabilidades.

Maria Arlinda da Silva traz à tona “O Projeto Terranova – colonização recente na fronteira amazônica”, no qual, a partir de relatos orais, fotografias, jornais, documentos oficiais e bibliografias sobre o tema, problematiza o impacto da chegada de garimpeiros na área destinada à colonização pelo projeto Terranova, implantado na década de 1970 na região norte do estado de Mato Grosso. A ocupação inesperada da área pelos trabalhadores de garimpo foi irreversível e obrigou a colonizadora a modificar o projeto, comprovando que o espaço amazônico não serviu apenas aos propósitos de migração dirigida, mas também foi palco de migrações espontâneas.

O artigo “Necrodesenvolvimento da Amazônia: Integrar, Matar e Deixar Morrer” de **Andreia Marcia Zattoni**, direciona seu olhar para o projeto político-econômico que fundamentou o modelo de desenvolvimento da Amazônia brasileira implementado pela Ditadura Militar, que promoveu diversas violências contínuas sobre as populações indígenas da região. Exemplos dessas violências vão desde a guerra biológica perpetrada pela introdução deliberada de doenças para as quais os nativos não tinham anticorpos, passando pela remoção forçada de aldeias inteiras de seus territórios originários, até assassinatos diretos. A autora embasa sua análise nos documentos oficiais apurados pela Comissão Nacional da Verdade, se utilizado do conceito de Necropolítica de Achille Mbembe. Esses elementos fortalecem o embate que a historiografia tem travado com a propaganda de que a colonização recente foi um projeto de ocupação da região amazônica marcada pelo vazio demográfico.

Em “Os Recursos Hídricos dos países Amazônicos: Um estudo comparativo das práticas Governamentais de Brasil, Colômbia, Bolívia e Venezuela”, **Leonardo Lopes Mendonça** e **Wanessa Thayna Soares de Carvalho** examinam comparativamente as políticas públicas de manejo dos recursos hídricos dos quatro países referidos. Buscam compreender o impacto dessas Nações que têm consideráveis porções de seus territórios banhados pela bacia amazônica, e como este processo de gestão dialoga e sofre transformações a partir das mudanças políticas e econômicas de cada realidade nacional. Outro elemento fundamental abordado pelos autores é o impacto desses processos sobre os povos indígenas que ocupam territórios banhados pela bacia amazônica, além de sofrerem com o desmatamento e o avanço das grandes monoculturas sobre seus territórios

tradicionais, têm suas águas poluídas e inviabilizadas pela contaminação advinda da exploração mineral ou pela poluição dos agrotóxicos.

Na seção Artigos de tema livre, temos o trabalho de **Alan da Silva Dias** e **William Gaia Farias** intitulado “Investigação criminal, História e Literatura policial: o paradigma indiciário e os processos de homicídios em Belém do Pará (1931-1933)”. O artigo analisa dois processos de homicídio ocorridos na capital do Pará nos anos de 1931 e 1933 à luz das concepções teóricas do paradigma indiciário, da criminologia e da literatura criminal. Em “Um sujeito em dois grossos volumes”: o *Dicionário do Folclore Brasileiro* e a problematização em torno da função-autor”, **Raquel Silva Maciel** problematiza o processo de autoria do *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo. Pondera o uso da função-autor no discurso dicionarístico e os papéis desempenhados pelo *outrem* na confecção do projeto folclórico vinculado na obra, assim como a função que exercem na constituição de Câmara Cascudo como autor e na forma que sancionam e autorizam a construção de narrativas acerca do elemento folclórico.

Pablo Gatt e **Irlan Cotrim** em “Um breve Estudo sobre as relações de Gênero nos discursos cristãos” discorrem sobre as construções sociais e religiosas de masculinidade e feminilidade dando atenção especial às representações cristãs de Eva, Maria Madalena e Maria mãe de Jesus, elencadas como modelos do feminino. Essa construção, que se iniciou nos primeiros anos da era cristã e se estendeu pelo período medieval, colocava o fardo do pecado sobre as mulheres, fazendo com que essas necessitassem de vigilância constante do pai ou do marido. Quando desacompanhadas, elas eram consideradas perigosas e subversivas. Diante disto, a partir dos referenciais teóricos do gênero e da nova história cultural, os autores pretendem desmitificar a imagem da mulher no medievo como algo estático e fixo, desnudando as intencionalidades por trás da construção do papel do feminino.

Para finalizar, trazemos um relatório de PIBIC aprovado que foi analisado pela equipe editorial para publicação. **André Luís Domingos** escreveu sob a orientação do professor **Marcelo H. Steffens** o trabalho “O futebol tabela com a política: o futebol e as ‘Diretas Já’ nos editoriais da Revista Placar (1982-1984)”. O autor percebeu como a revista foi gradativamente se envolvendo e se posicionando politicamente em meio aos protestos do movimento das Diretas, que exigia a redemocratização do Brasil.

A “história aberta” pelos diálogos apresentados no decorrer dessa apresentação considera um ponto de vista plural, “pois o perigo de uma derrota atual aguça a sensibilidade pelas anteriores,

suscita o interesse dos vencidos pelo combate, *estimula um olhar crítico voltado para a história.*⁵ O plano cognitivo aberto por Benjamin e reavivada pelos diálogos realizados pelos autores nos apresenta um horizonte novo de reflexão, de busca de uma racionalidade dialética que visa quebrar a ilusão de uma temporalidade lisa, recusa as armadilhas de “previsão científica”, considera os desvios imprevisíveis e o tempo cheio de oportunidades estratégicas. Assim, presente, passado e futuro se abrem de forma associada nas leituras históricas e em nossas criações, pois, os combates travados por nós historiadores estão primordialmente no campo das opções éticas, sociais e políticas, ora situados no lugar dos agentes do processo histórico analisado ou ainda opções do próprio historiador que escolhe o objeto, recorta-o, alinhava e o costura, realizando suas análises diante de condições objetivas, que inclui métodos, técnicas e abordagens teórico-metodológicas. Em uma época que as ameaças de catástrofes ressurgem com o avanço da xenofobia, do racismo, das violências de gênero, das calamidades e destruições ambientais, aqueles que lutam por valores democráticos encontram-se cada vez mais em perigo. Contudo, os agentes históricos são interceptados pelas novas possibilidades e lutas emancipatórias/utópicas, abrindo-se assim a necessidade e possibilidades de organizar o pessimismo.

Dito isso, sobre tais evidências, é preciso saber voltar de tempos em tempos com a responsabilidade de propor novas interrogações – sobre a Amazônia –, colocadas na urgência do tempo presente e sob a diligência da escritura historiográfica. Pois eis aqui: a história de gente simples e o testemunho de luta em favor da vida, substância fulcral da reflexão histórica. E tais operações conduzem as pesquisas, norteiam o projeto de edição que cada uma de nós, editoras, arquitetamos e com cuidado articulamos, organizando essas narrativas ruidosas para que o interlocutor tenha à disposição textos acadêmicos e possa interpretá-los a partir da ótica do discurso do historiador.

Equipe Editorial

⁵ Löwy, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: Uma leitura das teses ‘Sobre o conceito de História’*. São Paulo: Boitempo, 2005. p.65 (Grifo nosso).

Agradecimentos

Quero dizer da gratidão, da honra de fazer parte desta equipe editorial e do trabalho que juntas construímos à frente da Revista Outras Fronteiras. Estendo meus agradecimentos aos coordenadores Thaís Leão Vieira e Edvaldo Correa Sotana do Programa de Pós-Graduação em História, UFMT, por nos confiar a admirável missão de editar um periódico acadêmico. Estendo meu agradecimento a todos os docentes e técnicos da UFMT.

O mesmo sentido de agradecimento aos professores Marcelo Fronza, Carlile Lanzieri Jr e Carolina Seixas, assim como, a Nileide Dourado, Flávio Conche e demais membros da equipe anterior, por direcionar, iluminar nossas dúvidas e inquietações no tocante às normas técnicas de edição.

Quero externar minha admiração e afeto, os trabalhos engenhosos dos editores de seção. Acima de tudo, àqueles que caminharam conosco por um “tempo” e diante das vicissitudes da vida acadêmica optaram por outras jornadas. Bruno Corrente, Jadir Carneiro e Ariadne Marinho, gratidão por contribuírem com a feitura da revista, publicação discente, Outras Fronteiras.

A todos os autores por nos enviarem seus textos, aos pareceristas pela colaboração na avaliação dos produtos, aos depoentes por conceder a entrevista...

É preciso terminar o jogo tenso e prazeroso... Meu agradecimento especial à Francieli Marinato, Luciana Gama e Rhaissa Lobo, pelo trabalho articulado e minucioso como editoras de seção. Com ousadia afirmo, elas são audazes pelo brilho enunciativo e capacidade intelectual, diante do absurdo pandêmico e do cenário político catastrófico de nosso país, de fazer ciência no exercício da edição, ao mesmo tempo, operacionalizar teses de doutorado, doando-se, exaustivamente, no cumprimento das tarefas editoriais, para que “vozes silenciadas” viessem à tona como enchentes do Amazonas.

Com grande afeição,

Viviane G. da Silva,
Editora-chefe
Cuiabá-MT, 02 fev 2022